

PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES E MEDIAÇÕES

ANA MARIA PASINATO SANDI

Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Joaçaba – SC. Supervisora Pedagógica do Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia, SC. E-mail: anamaria.sandi@ifc-concordia.edu.br

LUCIANE BASEGGIO VENDRUSCOLO

Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Joaçaba – SC. Técnica em Educação do Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia, SC. Concórdia –SC.

E-mail: Luciane.baseggio@ifc-concordia.edu.br

MARIA TERESA CERON TREVISOL

Docente da Graduação e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) – Mestrado da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Joaçaba – SC. E-mail: mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

RESUMO

Nesse artigo analisa-se a concepção de professores e de alunos sobre a dinâmica dos processos pedagógicos desenvolvidos no segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Catarinense – *Campus* Concórdia e a importância das relações interpessoais nesses processos. A base empírica desse texto foi constituída por dados de uma pesquisa quanti-qualitativa de abordagem descritiva realizada no decorrer do Curso de Mestrado em Educação. A amostra foi composta por oito professores e noventa e quatro alunos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário, envolvendo todos os alunos e de entrevista com os professores e 5% dos alunos. A partir das respostas dos professores e dos alunos foi possível identificar que a falta de reuniões e estudos envolvendo gestores, equipe de assessoria pedagógica, professores e alunos para avaliação, reflexão e reconstrução conjunta, entre outras ações promotoras de socialização e interação entre os sujeitos, com vistas à qualidade dos processos educativos, representou uma das principais lacunas que impedem o desenvolvimento de ações mais significativas, cooperativas e integradoras no que se refere aos processos pedagógicos desenvolvidos na instituição. Outro aspecto relevante diz respeito às relações interpessoais que, embora compreendidas pelos sujeitos da pesquisa como um fator determinante para a aprendizagem, um expressivo número de alunos revelou insatisfação com as relações que vêm ocorrendo em sala de aula, indicando a necessidade de que as práticas pedagógicas tenham articulação entre o cognitivo e o afetivo.

Palavras-chave: Ensino Médio. Ensino. Aprendizagem. Relações interpessoais.

PEDAGOGICAL PROCESSES IN A PROFESSIONAL HIGH SCHOOL: CONCEPTIONS AND MEDIATIONS

ABSTRACT

This article analyzes the conception of teachers and students about the pedagogical processes dynamics developed in the second grade of the agriculture's technical course, integrated to the high school, from the Federal Institute Catarinense (Brazil) and the significance of the interpersonal relationships in this process. The empirical basis of this paper was consisted of data from a quantitative and qualitative research of descriptive approach taken during the Master in Science degree in education. The sample was composed of eight teachers and ninety-four students. The data was collected through a questionnaire involving all students and of interviews with teachers and 5% of students. From the answers of teachers and students, made it able to identify that the lack of meetings and studies involving managers, pedagogical support staff, teachers and students for evaluation, reflection and joint reconstruction, among other actions promoting socialization and interaction between subjects, with a view to the quality of educational processes, it represented one of the main gaps that prevent the development of more significant action, cooperative and inclusive in regards to the pedagogical processes developed in the institution. Another important aspect relates to interpersonal relationships which, although understood by the subjects of the research as a key factor for learning, a significant number of students revealed dissatisfaction with the relations taking place in the classroom, indicating the need for pedagogical practices to have a link between the cognitive and the affective.

Keywords: High school. Education. Learning. Interpersonal relationships.

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico e o crescente e constante processo de transformação que a humanidade vive remetem-nos, na grande maioria das vezes, a pensar no desenvolvimento econômico, tecnológico, científico e intelectual, em detrimento do desenvolvimento humano. Nesse sentido, torna-se comum pensar o trabalho pedagógico das escolas como um processo que proporciona aos alunos, especialmente do ensino médio integrado à educação profissional, condições para que se integrem aos aspectos da contemporaneidade, como o mercado de trabalho, deixando, assim, de dar ênfase ao desenvolvimento humano, à solidariedade e à afetividade. Pensar no desenvolvimento humano, contudo, é pensar em transformação, tanto do indivíduo quanto da sociedade e das estruturas que a compõem. A escola, nesse aspecto, precisa desenvolver ações capazes de contribuir com a formação do ser humano, considerando que esse ser, assim como aprende, também pode ensinar. O ser humano diferencia-se das demais espécies pela sua capacidade de pensar, criar, refletir, ou seja, realizar seus atos com consciência e pela sua contínua necessidade de evolução nas diferentes áreas de desenvolvimento, tanto no campo pessoal quanto no profissional. Nas palavras de Freire (2005, p. 102): “nunca será demasiado falar acerca dos homens como os únicos seres, entre os ‘inconclusos’, capazes de ter, não apenas sua própria atividade, mas a si mesmos, como objeto de sua consciência, o que os distingue do animal, incapaz de separar-se de sua atividade”. Vale frisar que o aprender e o ensinar são próprios do ser humano. De acordo com os estudos históricos, o homem foi se desenvolvendo por meio de contínuas e recíprocas trocas com o ambiente e, nessas trocas, “o desenvolvimento humano é estimulado ou inibido pelo grau de interação com as pessoas, que ocupam uma variedade de papéis, e pela participação e engajamento em diferentes ambientes” (DESSEN; COSTA JÚNIOR, 2005, p. 73). O ser humano vive em sociedade e é nesse ambiente que encontra as condições de desenvolvimento. O contexto social, portanto, faz parte do desenvolvimento humano e determina suas características como espécie.

É possível constatar, de modo geral, que, por meio dos veículos de comunicação, bem como das indústrias, das empresas, é passada uma visão de que o desenvolvimento científico e o tecnológico, de certa forma, proporcionam benefícios a todas as pessoas. Todavia, se analisarmos alguns índices de desenvolvimento, especialmente do Brasil, evidenciamos que grande parte da população não tem recebido proveitos dos avanços da ciência e da tecnologia,

ao contrário, muitos vêm sofrendo sérias consequências desse processo excludente de desenvolvimento que, cada vez mais, pauta-se na lógica do mercado, tendo como base a lucratividade.

Nessa perspectiva, Pimenta (2009a, p. 37), explica que:

A educação é um fenômeno complexo, porque histórico. Ou seja, é produto do trabalho de seres humanos e, como tal, responde aos desafios que diferentes contextos políticos e sociais lhes colocam. A educação retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Enquanto prática histórica tem o desafio de responder às demandas que os contextos lhe colocam. Quais seriam esses desafios? Pelo menos dois: a) sociedade da informação e sociedade do conhecimento; b) sociedade do não emprego e das novas configurações do trabalho.

As consequências desse processo de desenvolvimento atingem as mais diversas áreas da sociedade atual, entre elas, a educação que, em alguma medida, encontra-se inseparável da ciência e da tecnologia. Percebo que esse descompasso entre ciência, tecnologia e educação vem limitando o sentido da educação, tornando-se uma das causas da chamada crise desta na contemporaneidade.

A rapidez e a amplitude com que as transformações da contemporaneidade vêm ocorrendo têm fomentado o debate sobre o fazer pedagógico das instituições de modo geral e, de modo especial, nas instituições de ensino médio profissionalizante, fazendo com que este ocupe, cada vez mais, lugar nas reflexões ou preocupações do conjunto da sociedade. Questões sobre sua especificidade, sobre a qualificação para o trabalho, a função da escola e o papel dos professores têm se tornado causa de discussões entre diferentes correntes teóricas, principalmente no que tange à atual realidade do ensino público brasileiro referente à sua expansão, na qual existe a preocupação com números e nem sempre com a qualidade. Para Kuenzer (2007a, p. 35), “a democratização do ensino médio [...] não se encerra na ampliação de vagas; ela exige espaços físicos adequados, bibliotecas, laboratórios, equipamentos e, principalmente professores concursados e capacitados”.

As diferentes transformações da contemporaneidade vêm exigindo da escola um repensar constante e contínuo de suas práticas educativas. Já não é mais suficiente um trabalho pedagógico baseado em métodos e técnicas de ensino. A necessidade, e por que não dizer, a exigência dos sujeitos da escola, atualmente, está muito além disso. Requer dos educadores uma conduta mais voltada à realidade social, promovendo a diferença na vida dos alunos. A escola de hoje precisa ser construída com o que há de melhor nas pessoas e, da mesma forma, direcionada para o melhor das pessoas. Nessa compreensão, Pimenta (2009a, p. 25) argumenta que “a prática dos professores precisa ser analisada, considerando que a sociedade é plural, no sentido da pluralidade dos saberes,

mas também desigual, no sentido das desigualdades sociais, econômicas, culturais e políticas”. Portanto, é da escola o compromisso de pensar todo o contexto – social, econômico, cultural – dos sujeitos que nela convivem para adequar uma proposta pedagógica com sentido e significado, considerando tais desigualdades. É possível situar, pois, que de modo geral, o espaço escolar, os professores e demais educadores que nele atuam como profissionais comprometidos com esse desenvolvimento têm um forte poder de influência na vida de seus alunos. Em decorrência disso, o ambiente escolar deve ser pensado e organizado com finalidade de favorecer o processo de desenvolvimento do aluno, condição essa que requer um contínuo aperfeiçoamento dos profissionais da educação. Com relação a isso, Vigostki (2003, p. 75) compreende que “no processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livre e independentemente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento”. Ainda nessa perspectiva, o autor reafirma o grau de influência do espaço escolar, constituído pelos profissionais que nele atuam, definindo o ambiente social como uma autêntica alavanca do processo educativo, em que o papel do professor baseia-se em saber lidar com essa alavanca. Demanda, desse modo, grande empenho para que esse valoroso papel possa ser cumprido com êxito.

É consequência natural que, diante de tal realidade, os envolvidos com a educação passem a dar atenção maior ao futuro da humanidade, buscando alternativas para as questões relacionadas à educação. E é consequência natural, também, o desafio de pensar o sentido e o significado do trabalho educativo que está sendo desenvolvido nas escolas. Nesse caminho, a escola e o professor precisam refletir continuamente sobre suas práticas para, assim, aperfeiçoá-las e identificar as particularidades do ensino médio, fortalecendo uma aprendizagem que tenha sentido e significado para os envolvidos no processo educativo, especialmente alunos e professores.

Nessa perspectiva, o objetivo deste texto é analisar a concepção de professores e de alunos sobre a dinâmica dos processos pedagógicos desenvolvidos no segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia e a importância das relações interpessoais nesses processos.

A base empírica deste texto foi constituída por dados de uma pesquisa¹ quanti-qualitativa, de abordagem descritiva, realizada no decorrer do Mestrado em Educação. A amostra foi constituída por oito professores, sendo quatro representantes do núcleo do Ensino Médio, quatro representantes do núcleo da Educação Profissional e noventa e quatro alunos, do Instituto Federal Catarinense – *Campus Concórdia*. Neste texto, os professores serão identificados como Professor1 (P1),

¹ Esse artigo apresenta parte dos dados de uma pesquisa realizada em um Curso de Mestrado em Educação, na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Campus Joaçaba (SC), intitulada “Os Processos do Ensino e da Aprendizagem: Concepção de alunos e de Professores do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio”.

Professor2 (P2) e os alunos que fizeram parte da entrevista foram identificados como Aluno1 (A1), Aluno2 (A2), consecutivamente. Já os alunos que participaram do questionário foram identificados com números sequentes da entrevista, ou seja, de A6 até A99. A coleta dos dados foi efetuada em dois momentos. No primeiro, todos os alunos responderam a um questionário. No segundo, foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas com os professores envolvidos e com 5% dos alunos que responderam ao questionário. A participação dos professores e dos alunos deu-se a partir do aceite e da disponibilidade deles em participar da investigação. Todos os sujeitos da amostra receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido. A pesquisa realizada passou pelo CEP/UNOESC e recebeu o parecer consubstanciado número 104.376.

Os processos pedagógicos articulados ao ensino médio

Ao abordar o ensino médio, é possível identificar que os desafios são muitos e de diversas naturezas. Considerar o aspecto da idade e os projetos de vida dos alunos, nesse período, constitui uma atitude necessária e precisa estar contida na proposta de trabalho da escola e no planejamento do professor. Assim, o fazer pedagógico das escolas do ensino médio necessita estar constituído de propostas que possibilitem a construção de conhecimentos de forma dinâmica e atraente para os alunos, a fim de que eles encontrem sentido e significado para o seu processo de aprendizagem. De acordo com Frigotto e Ciavatta (2004, p. 22):

Conhecer as relações dos jovens com o saber constitui um elemento primordial para se pensar em alterações na prática pedagógica, a fim de permitir que o sujeito jovem construa uma relação significativa com a escola. [...] A vida escolar exige um conhecimento mais profundo dos sujeitos jovens, de suas formas e estilos de vida, de suas novas práticas, para produzir novos referenciais que conduzam a uma ação democrática e socializadora da escola na sua especificidade.

Dessa maneira, torna-se necessário compreender qual é o conhecimento real do aluno para tornar possível o processo de mediar e ampliar o seu conhecimento a um nível mais elevado de reflexão e ação. Cabe ao professor integrar os conteúdos, por ele selecionados, articulados aos conhecimentos prévios dos alunos, contudo isso só se concretiza se o professor identificar a realidade do aluno. Conforme evidencia Vigotski (2003), entre ensino e aprendizagem existe um intercâmbio ativo e recíproco, em que o ensino impulsiona a aprendizagem. Por meio das interações os indivíduos apropriam-se dos elementos culturais construídos pelo homem ao longo da história e se desenvolvem. Por essa razão, a intervenção de outras pessoas é elemento essencial na promoção do desenvolvimento do indivíduo e, na escola, considerando que o objetivo maior é o aprendizado do aluno, a intervenção do professor se faz presente e se configura em um processo privilegiado, pois, por seu intermédio – ao transmitir informações, instruções, e dar assistência individual aos

alunos, entre outros procedimentos básicos –, o professor promove o ensino, para o desenvolvimento do aluno.

Nessa direção, é legítima a importância das amplas intervenções dos professores, pois ele é o mediador na construção do conhecimento do aluno. Isso inclui o planejamento de ações conjuntas de interações entre os sujeitos. Ambos, professor e aluno, assumem papéis ativos na construção do conhecimento. Todo ato educativo depende, em grande parte, das características, dos interesses e das possibilidades dos sujeitos participantes desse processo: alunos, professores, comunidade escolar, bem como os fatores políticos e sociais. Dessa maneira, a educação se concretiza na coletividade, mas não perde de vista o sujeito que é singular – contextual, histórico, particular, complexo. É preciso compreender, portanto, que os processos pedagógicos ocorrem na relação entre indivíduos que têm sua história de vida e estão inseridos em contextos de vida próprios. É significativo ressaltar que o ensino médio, como etapa final da educação básica, necessita promover trajetórias e estratégias para atingir o seu objetivo, que consiste em levar o aluno a apropriar-se de conhecimentos, bem como de tornar-se um sujeito hábil para continuar aprendendo e acompanhando as constantes exigências do mundo contemporâneo. Na educação, afirma Vigotski (2003, p. 296), “não é tão importante ensinar certa quantidade de conhecimentos, mas educar a aptidão de adquirir esses conhecimentos e valer-se deles. E isso só se consegue – assim como tudo na vida – no próprio processo de trabalho e da conquista do saber”. Desse modo, a aprendizagem ocorre na ação, ou seja, na experimentação do objeto de conhecimento por parte do indivíduo em processo de aprendizagem.

Nessa direção, as relações e interações que ocorrem nas escolas, com os alunos entre si e alunos com os professores e demais profissionais que atuam no espaço escolar, representam um aspecto de grande valor quando pensado sob a perspectiva da aprendizagem e do desenvolvimento; e quando nessa relação se faz presente o respeito às individualidades dos sujeitos do processo, quer de cunho intelectual, quer emocional, esse valor torna-se ainda maior. O ambiente e as relações de convivência nele estabelecidas colaboram e, porque não dizer, podem determinar os resultados alcançados. Em virtude disso, cabe à escola e, conseqüentemente ao professor, o grande e importante papel de planejar e organizar o ambiente escolar, que é um elemento fundamental para o desenvolvimento dos processos pedagógicos.

Nas escolas, a ação docente se configura como uma atividade humana transformadora, uma vez que interações e aprendizagem ocorrem contínua e reciprocamente. Criar novos espaços para a aprendizagem, refletir sobre como ocorrem as interações, inovar com vistas a melhorar esses processos é um compromisso que a escola precisa assumir. Para Freire (2005, p. 67), “só existe

saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.

Entre os compromissos do professor, merece destaque o de contribuir para que a escola seja um lugar de crescimento e humanização. Dessa forma, é preciso primar pela atualização constante, ampliar seus saberes e conhecimentos necessários ao adequado desenvolvimento da prática pedagógica, pois muitos são os saberes de que o professor necessita. De acordo com Tardif, (2005, p. 39), “o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos”. Nesse sentido, o professor torna-se sujeito ativo de sua própria prática, pois a desenvolve com base em sua vivência, em sua história de vida, em seus valores e suas convicções.

Pimenta (2009a, p. 44), ao considerar a necessidade de uma política de formação contínua de professores, salienta:

[...] estamos nos referindo a uma política de formação e exercício docente que valoriza os professores e as escolas como capazes de pensar, de articular os saberes científicos, pedagógicos e da experiência na construção e na proposição das transformações necessárias às práticas escolares e às formas de organização dos espaços de ensinar e de aprender, comprometidos com um ensino com resultados de qualidade social para todas as crianças e os jovens.

Em relação à formação continuada, é significativo considerar que seja uma busca permanente e para verdadeiramente dar continuidade à formação do professor, pois vivemos numa realidade em que as mudanças oriundas da sociedade contemporânea ocorrem com muita velocidade, exigindo cada vez mais que o profissional se atualize.

As práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar necessitam ser refletidas, (re)pensadas continuamente, para que esse espaço torne-se verdadeiramente um local de produção de conhecimentos e contribua ao desenvolvimento integral do ser humano. Para tal, o diálogo representa o elo facilitador do processo.

Nessa direção, Freire (1996, p. 39) destaca:

Por isso é que, na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo.

O ser humano, pela sua própria condição de humano, apresenta a plasticidade como uma das características que lhe oferece a condição de realizar inúmeras aprendizagens, nas mais diversas áreas. Todavia, essas aprendizagens relacionam-se ao meio em que está inserido; e os espaços de aprendizagem equivalem-se aos espaços de convivência e de interações estabelecidas. Nessa perspectiva, é oportuno ressaltar a importância da escola como espaço de relações e de aprendizagem. A relação professor e aluno, no processo de aquisição de saberes, é uma relação particular, pois o professor não é, apenas e simplesmente, um adulto a mais com quem o aluno interage, ele é um adulto com uma missão específica e de muito valor para o aluno, pois a aprendizagem dele depende da interlocução com o ensino do professor. E, nessa relação, não há como separar o eu pessoal e o eu profissional do professor, pois vir a ser professor implica um processo constante, em que cada um se identifica como tal por meio de suas maneiras próprias de organizar o trabalho pedagógico que envolve seus conhecimentos, seus desejos e preferências, seus conflitos, ou seja, sua individualidade de ser professor.

A ação pedagógica passa, necessariamente, pela relação que o professor e o aluno estabelecem com o conhecimento. Ao ensinar algo a alguém, o sujeito ensina não só aquele saber, mas também ensina por meio de sua própria atitude perante esse saber. Os processos pedagógicos, dessa forma, ocorrem nessa tríplice relação: o indivíduo que ensina, o indivíduo que aprende e o conhecimento. O ensino e a aprendizagem não ocorrem isoladamente, mas concomitantemente; um não existe sem o outro. Ensinar e aprender, de maneira geral, é compreendido na escola como algo sistemático e formal, porém é preciso considerar que, para o desenvolvimento da aprendizagem, o ensino precisa levar em conta, também, as relações entre os sujeitos do processo. Isso justifica a importância das relações e das interações, na escola e nos demais ambientes, como princípio do processo de aprender. As proposições de Freire (1996), nesse aspecto, contribuem significativamente, pois apontam para uma reflexão necessária nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar. Segundo o autor (1996, p. 69, grifo do autor):

Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter *diretivo*, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua *politicidade*, qualidade que tem a prática educativa de ser *política*, de não poder ser neutra.

A aprendizagem é um processo em que não existe uma só relação, na qual o professor ensina e o aluno aprende, ela é circundante: professor ensina e aprende ao mesmo tempo e vice-versa. O

ato pedagógico, nesse sentido, é o ato político de que se refere o autor. Ensinar e aprender, então, são ações interligadas e que se complementam.

Assim, em sua prática pedagógica com os alunos, o professor precisa colocar-se na posição não de quem sabe tudo, antes o contrário, como alguém em contínuo processo de construção de saberes, com a consciência do “inacabamento” e, com essa postura, contemplar, em seu planejamento, os aspectos da mediação da aprendizagem. Nas palavras de Freire (1996, p. 24, grifo do autor):

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi *aprendendo* socialmente que, historicamente mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

O ambiente de sala de aula necessita ser (re)pensado continuamente para tornar-se favorável ao desenvolvimento dos processos pedagógicos. O aluno, ao ocupar e compor esse espaço, precisa sentir-se parte integrante e motivado para aprender. Não há como negar que a sala de aula é um espaço privilegiado de trocas de experiências, de produções e de (re)construções de saberes e de conhecimentos, e isso ocorre em uma rede complexa de ações e interações em que a história de vida, as experiências e vivências de alunos e de professores, além do próprio conhecimento formal, tornam-se presentes.

Também, é preciso considerar as questões emocionais articuladas ao aspecto intelectual. De acordo com Wallon (1975, p. 397), o desenvolvimento intelectual está ligado ao fator afetivo:

A vida afetiva apresenta certas particularidades essenciais que necessitam ser conhecidas por todos os que possam estar em relação com estas crianças ou adolescentes, a fim de que possam entender melhor a maneira como se processam estas relações de afetividade em relação ao seu desenvolvimento e de que maneira estas estão influenciando nos processos de ensino e da aprendizagem.

Diante da proposição do autor, é necessário que todos os envolvidos nos processos pedagógicos estejam conscientes de tal processo. Desse modo, as relações estabelecidas no ambiente escolar, especialmente a relação professor e aluno, tornam-se fundamentais para a coparticipação entre o ensinar e o aprender. Dispor de um ambiente propício para o bom desenvolvimento do processo educativo compõe o conjunto de procedimentos primordiais a serem adotados pelo professor. Nessa dimensão, Wallon (1975, p. 388) considera que “o melhor ambiente é aquele em que as relações afetivas podem desenvolver-se em maior liberdade, diversidade e naturalidade”. É preciso, em virtude disso, que a escola seja considerada indissolúvel na relação

com o aluno e com a sociedade para manter uma dinâmica relacional entre elas, favorecendo a autoestima do estudante, tendo a sala de aula como uma oficina de convivência.

Compreender e contextualizar o complexo em que se constituem os pedagógicos requer do professor, além de diferentes conhecimentos, ter disponibilidade e desejo de ensinar.

A concepção de professores e de alunos referente aos processos pedagógicos

Considerando a importância da ação pedagógica da escola no processo de desenvolvimento humano e na melhoria das condições da vida social, propagada por meio dos profissionais que nela atuam, nesta pesquisa foi dada “vez e voz” para professores e alunos, no intuito de melhor compreender a dinâmica desse importante e complexo processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, questionaram-se professores e alunos a respeito dos processos do ensino e da aprendizagem. O Professor5 demonstrou preocupação com a questão proposta, justamente pela complexidade dos processos. Para ele:

“Não é algo simples falar sobre isso, pela natureza do processo que é complexo. Envolve seres humanos, e seres humanos são do jeito que são por histórias, pela sua história de vida, por tudo o que viveram. Então, o aluno vem de um contexto, e o professor também tem sua vivência e, de repente, esses dois seres humanos se encontram para aprenderem e ensinarem juntos. E nisso, então, reside a tal da complexidade, porque é necessário se conhecer, e isso precisa de um tempo [...]. A gente tem sido infeliz em conseguir compreender [...] quem é esse jovem, e isso está nos trazendo dificuldades. E nós não estamos pensando, como grupo de educadores, o curso Técnico em Agropecuária, o ensino médio”. (P5)

É possível evidenciar no relato do Professor5 o quanto o cotidiano escolar, o rotineiro, a ação sem reflexão pode ser motivar a realização de um fazer pedagógico sem sentido e sem significado para o aluno, e também para o professor e para a escola.

No contexto da reflexão, o conceito proposto por Sacristán e Pérez Gómez (1998, p. 369) é eloquente:

A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. A reflexão, ao contrário de outras formas de conhecimento, supõe um sistemático esforço de análise, como a necessidade de elaborar uma proposta totalizadora, que captura e orienta a ação.

A reflexão, assim, faz parte dos processos pedagógicos e é por seu intermédio que o professor pode avaliar suas próprias ações. Então, à medida que se volta para si próprio e analisa suas práticas, o professor estará avaliando sua própria forma de ser e de atuar, suas concepções de vida, de mundo, de educação, com suas escolhas e as devidas razões. É um processo que vai

auxiliá-lo a perceber as mudanças que se fazem pertinentes no exercício profissional, tendo em vista o contexto em que a escola está inserida.

Ainda em relação aos processos pedagógicos, o Professor1 declarou: “os alunos, hoje, estão numa era virtual onde as coisas acontecem muito rápido. O grande desafio do docente é trazer esse processo de uma forma que seja interessante para o aluno. O processo de ensino aprendizagem tem que fluir junto com isso, e o professor tem que se adaptar às novas eras, às novas tecnologias”. O Professor3 advertiu que os processos do ensino e da aprendizagem “precisam desenvolver no aluno uma visão mais ampla do mundo. O componente curricular precisa servir de ferramenta para os alunos na vida profissional, pessoal, acadêmica”. O Professor4 manifestou: “devem sempre deixar uma sementinha para que os alunos possam evoluir como pessoas, não só como profissionais na área técnica. [...] é importante que os alunos sejam críticos, com eles mesmos e com os próprios conceitos que são impostos”. Para o Professor7: “embora que cada um tem seu conceito específico, o ensino é fazer acontecer, e aprendizagem é aprender no mesmo espaço. [...], enquanto você ensina você aprende e vice-versa. [...] ensinar demanda uma formação adequada e, uma continuidade do processo formativo”.

Considerando as respostas dos professores P1, P3, P4 e P7, fica evidente a visão e a (pré)ocupação com a multiplicidade de fatores que interferem nos processos pedagógicos. Embora pronunciado de diferentes formas, há convergência entre os professores desse grupo perante a grande responsabilidade que, de certa forma, a sociedade atribui e espera do trabalho pedagógico desenvolvido na escola, no que diz respeito à formação não somente de um técnico em agropecuária, mas de um profissional cidadão, competente e comprometido com a causa humana, tão importante na atualidade.

As transformações da sociedade atual, apontadas pelo Professor1, e os avanços tecnológicos que fazem parte da sala de aula, ao mesmo tempo em que podem contribuir para o desenvolvimento das aulas podem tornar-se um empecilho, um elemento complicador para a prática pedagógica do professor, quando apenas uma parte dos alunos tem acesso a esse tipo de equipamento, como é o caso da instituição da pesquisa. Cabe ao professor, nesse caso, avaliar a situação para fazer o melhor uso de tais recursos, sem prejuízo aos alunos e ao processo educativo. Entretanto, acompanhar esses avanços requer do professor um esforço no sentido de compreender e dominar essas tecnologias. Ao compreendê-las e dominá-las, o professor poderá valer-se dessas tecnologias como ferramenta para dinamizar suas aulas.

Nessa percepção, Alarcão (2001, p. 23-24) nos faz refletir:

O professor é um profissional da ação cuja atividade implica um conjunto de atos que envolvem seres humanos. Como tal, a racionalidade que impregna a sua ação é uma racionalidade dialógica, interativa e reflexiva. [...] A complexidade dos problemas que hoje se colocam à escola não encontra soluções previamente talhadas e rotineiramente aplicadas. [...] exige cooperação, olhares multidimensionais e uma atitude de investigação na ação e pela ação. [...] exige do professor a consciência de que a sua formação nunca está terminada e das chefias e do governo, a assunção do princípio da formação continuada.

De acordo com a autora, muitas são as circunstâncias desafiadoras encontradas na escola, que vão exigindo dos profissionais conhecimentos cada vez maiores, mais variados e mais voltados ao contexto histórico e social em que está inserida. Ser professor, na contemporaneidade, é um desafio. Despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para o estudo, em sala de aula, requer do professor uma prática interativa, tendo em vista a grande quantidade de informações a que eles têm acesso. Pensar o processo educativo significa pensar no outro, no aprendiz e, sobretudo, em nós, profissionais do ensino como sujeitos também da aprendizagem. Importante, também, é que nós professores compreendamos que os conhecimentos e as informações adquiridos na formação profissional requerem aperfeiçoamento constante para que a prática pedagógica atenda às exigências da contemporaneidade. A esse respeito, Candau (2011, p. 69), adverte:

A ação do educador deverá se revelar como resposta às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social. Para tanto, a sua formação deverá ter como finalidade primeira a consciência crítica da educação e do papel exercido por ela no seio da sociedade, o que implica um compromisso radical pela melhoria da qualidade do ensino, considerando-se, contudo, os limites e possibilidades da ação educativa em relação aos determinantes socioeconômicos e políticos que configuram uma determinada formação social.

Nessa compreensão, a busca por novos (e continuados) conhecimentos precisa ocorrer não apenas a respeito dos conhecimentos técnicos, relacionados à sua área de formação, como também aos que dizem respeito às relações interpessoais, envolvendo professor e aluno, necessários para uma formação integral do aluno.

Em relação aos processos do ensino e da aprendizagem, destacamos a manifestação de dois alunos, na entrevista:

“Ocorre muito bem com os professores que aceitam a opinião dos alunos. [...] mas, mais do que a metade dos professores não têm isso em mente. O aluno que procura dar sua opinião e questionar a do professor acaba sendo perseguido dentro do Campus” (Aluno2).

“Nem sempre o professor consegue passar essa mensagem. [...] a gente tem que buscar outras coisas. Temos que ver vídeos, procurar por livros, procurar pessoas de fora. [...] O professor acha que somos nós que não procuramos, somos nós que

não aprendemos. A culpa cai sempre em nós. Nós é que somos a carta fora do baralho” (Aluno3).

Pelos relatos dos alunos A2 e A3, é possível observar que a exigência e a expectativa do aluno do ensino médio, atualmente, vêm sendo bastante expressivas no que implica uma atuação mais flexível do professor, na qual também seja garantido o envolvimento do aluno. De certa forma, os processos do ensino e da aprendizagem estão muito aquém do esperado, pois, além de não estar possibilitando espaço para as interações professor e aluno, dando mais sentido e significado ao fazer pedagógico, a questão da aprendizagem dos alunos também denota insatisfação e incompletude. Nessa perspectiva vale ressaltar que, em relação aos processos pedagógicos desenvolvidos em sala de aula, os objetivos traçados pelo professor necessitam corresponder às expectativas dos alunos. Muitas vezes, “fazer sentido”, para o aluno, significa que as atividades escolares e todas as ações realizadas na escola ou para a escola devem ser inseridas, de alguma forma, na sua prática de vida, no seu cotidiano. E isso precisa ser – além de diagnosticado – ponderado pela instituição. Consideramos significativo que haja troca de vivências, bem como que as ações pedagógicas sejam programadas coletiva e participativamente e, para tanto, o diálogo é fundamental, pois só assim se estabelece “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1996, p. 92). Por meio do diálogo, a comunicação apresenta-se como um instrumento e uma possibilidade de construção do conhecimento e de compreensão dos conteúdos escolares, pois “o diálogo entre as pessoas, o poder esclarecedor ou argumentativo da palavra e a aceitação do ponto de vista do outro são essenciais à negociação, à compreensão, à aceitação” (ALARCÃO, 2001, p. 22).

É imprescindível, portanto, proporcionar aos alunos uma compreensão racional do mundo, favorecendo a aquisição de uma conduta mais adequada ao seu envolvimento e à sua participação, como ser humano, na sociedade em que vive e no ambiente que ocupa. Hengemühle (2011, p. 42, grifos do autor), ressalta:

Não se pode mais conceber que a escola apenas se preocupe com repetir informações, conteúdos. É preciso dar ao aluno a possibilidade de desenvolver suas habilidades mentais, para que o cérebro possa utilizar suas infinitas capacidades em prol do bem-estar da pessoa e do meio. Esse conhecimento da escola precisa proporcionar ao aluno a competência de compreender o significado dos fenômenos e de solucionar os problemas do seu tempo.

Nesse processo de ensinar e de aprender, professores, alunos e toda a equipe envolvida com esses processos na escola são responsáveis por tal situação. Dessa maneira, somente uma avaliação

conjunta, que revele todos os pontos de vista e as diferentes compreensões, saberes e conhecimentos existentes na escola poderão indicar quais mudanças se fazem necessárias.

A concepção dos professores e dos alunos sobre a importância das relações interpessoais nos processos pedagógicos

Os alunos e professores que fizeram parte da pesquisa manifestaram a importância das relações interpessoais nos processos pedagógicos.

O Professor1 relatou: “tem que ter, no mínimo, uma cordialidade entre o professor e o aluno. Dentro dessa cordialidade, dentro do respeito, o processo ensino aprendizagem vai fluir, vai ser concretizado. [...] as relações professor e aluno têm que ocorrer com certa afetividade”. O Professor4 sinalizou: “aquele professor que tem alguma afinidade com os alunos, os alunos sentem vontade de estar com o professor, vontade de perguntar”. O Professor6 proferiu: “quando existe uma boa relação professor e aluno, o professor quer ensinar e o aluno quer aprender, existe, então, essa relação de boa convivência. [...] existe o diálogo, a compreensão, perguntas, dúvidas, então, é uma relação boa onde o aluno quer aprender e o professor quer ensinar”. O Professor8 manifestou: “se ao chegar em sala de aula o aluno não tiver um bom relacionamento com o professor, automaticamente, a aprendizagem desse aluno decai, porque ele está ali assistindo a aula e fica pensando em outras coisas”.

Pelas manifestações dos professores P1, P4, P6 e P8, é possível evidenciar o entendimento de que as relações professor e aluno influenciam de forma expressiva os processos pedagógicos. Verificamos que os professores consideram que um relacionamento propício durante as aulas, a “boa convivência”, um “clima de cordialidade”, bem como o “diálogo”, a “compreensão”, o “interesse em ensinar e em aprender”, além de se constituírem responsabilidade profissional do professor, garantem melhor aprendizagem para o aluno. Um ponto importante destacado por esses professores sobre as relações apropriadas entre professor e aluno, refere-se ao espaço que surge durante as aulas e a liberdade para que os alunos questionem ao ficar com dúvidas sobre o assunto em estudo. Segundo esses professores, uma adequada relação professor-aluno assegura a qualidade no desenvolvimento dos processos do ensino e da aprendizagem. Nessa direção, Arroyo (2001, p. 10) ressalta:

Em uma visão mais humanista e personalizada, toda relação educativa é uma relação de pessoas, de gerações. A pedagogia tem no seu cerne a figura e o papel do pedagogo, de alguém que aprendeu a viver o humano, seus saberes e valores, os significados da cultura, a falar, a dominar a fala, a razão, o juízo. [...] Toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e de ser gente. Os mestres no centro da pedagogia, não apêndices.

O autor destaca o valoroso sentido do trabalho do professor. São grandes as possibilidades que o professor tem para colaborar, por meio de seu fazer pedagógico, na construção de seres humanos melhores e profissionais capazes de contribuir para a melhoria da sociedade em que estão inseridos. Nesse aspecto, Zabala (1998, p. 101) reforça: “uma das tarefas dos professores consistirá em criar um ambiente motivador que gere o autoconceito positivo dos alunos, confiança em sua própria competência para enfrentar os desafios que se apresentem na classe”. Nessa mesma perspectiva, o Aluno1 afirmou: “a partir do momento em que o aluno e o professor têm afinidade, onde o aluno gosta do professor, ele vai prestar mais atenção na aula desse professor. Se o professor às vezes faz uma brincadeira, o aluno acaba ficando mais ligado e, assim, aprende melhor”. O Aluno3 relatou que as relações influenciam “sim e muito, pois ela acontece com a amizade. Se você não tiver aquele contato com o professor, dificulta na aprendizagem; a partir do momento que você tem a relação de amizade você consegue falar espontaneamente, algo mais interativo. Se não tiver amizade, há aquela distância entre você e o professor”. E para o Aluno5, as relações professor e aluno: “influenciam bastante porque se o professor e o aluno se dão bem, são amigos, um confia no outro, tem uma boa relação, ajuda, pois se o aluno não gosta do professor, parece que a aula se torna mais pesada”.

Os relatos dos alunos A1, A3 e A5 vão ao encontro do que enfatizaram os professores P1, P4, P6 e P8, o que consideramos eloquente. Há concordância em suas concepções sobre a influência das relações professor e aluno no desenvolvimento dos processos do ensino e da aprendizagem, ou seja, as boas relações asseveram a aprendizagem.

Sobre as relações interpessoais, Alarcão (2001, p. 32) faz a seguinte reflexão:

As relações interpessoais são laços ou redes de laços que ligam e interligam as ações das pessoas entre si. É nessa trama, que às vezes também nos trama, que as pessoas são, conhecem, sentem, agem, aprendem e vivem. Nem todas as ligações ou redes de ligações poderão ser consideradas ao nível da personalidade. Embora toda ação do ser humano ligue-se, se direta ou indiretamente, a níveis mais conscientes, subconsciente e inconsciente com a pessoa que mora em cada um de nós, seja ela considerada na sua dimensão de regulação da vida de elevada racionalidade, dos sentimentos, das emoções ou das estruturas e dinâmicas básicas da vida.

Diante desse conjunto de respostas, de professores e de alunos, é possível supor que, pelo fato de haver o mesmo entendimento sobre a influência das relações interpessoais em sala de aula para os processos pedagógicos, elas estejam ocorrendo satisfatoriamente nas turmas do segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária, foco da pesquisa realizada. Poderemos verificar nos relatos descritos a seguir, outros pontos de vista.

O Professor³ argumentou: “O aluno precisa sentir que você gosta de estar aí. Por que, se ele não sente isso, ou não descobre, ou você não demonstra, a relação é tensa”. Afirmou, também, que os alunos do ensino médio vivem um momento em que necessitam de referências e que vão à busca dessas referências em quem sentem segurança. O Professor⁵ expôs: “A gente tem que ser sensível à fase de desenvolvimento que eles estão. Refletir mais sobre esta condição, esse momento do aluno, que é a adolescência. [...] a gente tem ficado muito na discussão e em termos práticos, de ações, no projeto pedagógico, não tem surtido efeito”. O Professor⁷ expressou: “Essa questão da relação é importante. As características, conceitos e vivências de cada um, precisam ser respeitados. Quando isso ocorre, eu diria que as relações estão num nível fundamental para o ensino aprendizagem”.

Observamos que os professores P3, P5 e P7 reforçaram a ideia da importância das boas relações em sala de aula, sinalizando, também, certa preocupação, pois se trata de alunos do ensino médio que, como jovens, carecem de uma forma de lidar mais coerente com tal fase de desenvolvimento, e isso requer do professor conhecimentos específicos para que possa trabalhar melhor com tal realidade. Não revelaram, em suas falas, se as relações professor e aluno estão ocorrendo de forma satisfatória ou não, em sala de aula.

A resposta do Professor⁵ evidenciou, também, a importante necessidade de uma reflexão com mais propriedade sobre esse aluno adolescente, e fazê-lo de forma coletiva, na qual todos os professores do curso se envolvam com a causa. Em relação a isso, Campos (2011, p. 59), destaca:

Sendo as emoções as forças que motivam todo comportamento, nenhum aspecto do desenvolvimento do adolescente é de maior importância do que sua vida emocional. Numerosos estudos têm sido empreendidos sobre tais problemas, analisados pelos próprios adolescentes. Praticamente, todas as suas dificuldades envolvem, obviamente, emoções. Não se pode entender um adolescente, a menos que se entendam suas maneiras de sentir paralelamente ao que pensa e faz. Na realidade, deve-se procurar compreender, não somente as emoções que expressa, mas estar alerta para as emoções que tenta esconder. Os sentimentos a respeito de si mesmo e dos outros, bem como o julgamento que a seu ver os outros fazem dele, dominam toda a vida do adolescente. Daí se poderem compreender as razões de toda a agitação e turbulência desta etapa da vida do indivíduo.

São múltiplas as situações que despertam emoção nos adolescentes e nos jovens, pois se deparam com situações e problemas nunca antes sentidos por eles, pela família, pelos amigos e profissionais com quem convivem, e que precisam ser enfrentados e resolvidos. Nesse sentido, a cultura e a sociedade têm uma grande influência nessa etapa da vida humana, todavia à educação e, como tal à escola, cabe um importante papel de preparar esses jovens para as escolhas que terão de fazer. O modo como ocorrem as relações no ambiente escolar pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado dos alunos quanto na própria satisfação pessoal e profissional do professor.

A significação das boas relações professor-aluno, em sala de aula, na concepção dos alunos que responderam o questionário, demonstrou que a grande maioria concebe essas relações como um fator de bastante importância para os processos do ensino e da aprendizagem. De acordo com os dados coletados, 47% consideram que as relações “contribuem significativamente para que o aluno aprenda melhor”; 26% entendem que elas “representam fator determinante nos processos do ensino e da aprendizagem” e 22% admitem que as relações professor-aluno “constroem um ambiente de liberdade e de confiança para tornar possível a retomada de conteúdos não assimilados”, somando-se, assim, um percentual de 95%. Apenas 5% dos alunos pesquisados enfatizaram que as boas relações “não interferem nos processos”. Quase que unanimemente, os alunos do segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária demonstraram que as relações propícias que ocorrem na escola, especialmente em sala de aula, entre professor e aluno constituem um significativo mecanismo para garantir a efetividade da aprendizagem e melhorar a qualidade de ensino, o que compreendo ser um ponto relevante e que merece ser fortalecido no ambiente escolar, sobretudo entre os professores.

Sobre a qualidade das relações professor-aluno que ocorrem na sala de aula, na visão dos alunos, o questionário revelou que existe um significativo número de alunos insatisfeitos com as relações que vêm ocorrendo em sala de aula entre professor e aluno. Do total de alunos que participaram da pesquisa, 71% revelaram estar existindo alguma forma de contrariedade; sendo que: 23% concebem que as relações são “deficitárias: periodicamente ocorrem episódios de desentendimentos e incompreensões entre professores e alunos, dificultando os processos do ensino e da aprendizagem”, 45% as julgam “regulares: poucos são os professores que mantêm boas relações com os alunos” e, ainda, para 3% dos alunos, as relações são “ruins: representam o fator que mais contribui pelo baixo rendimento dos alunos”. Apenas 29% dos alunos declaram que as relações são “boas: todos os professores mantêm um bom relacionamento com os alunos”. Consideramos um percentual baixo se comparado ao entendimento, tanto de alunos quanto de professores, sobre a importância das boas relações professor-aluno para o desenvolvimento dos processos pedagógicos.

Nas falas dos professores, de modo geral, observamos que há a compreensão de que as relações interpessoais na escola são imprescindíveis para a aprendizagem dos alunos, todavia não é o que revelam os dados trazidos pelos alunos, ou seja, as relações adequadas, aquelas consideradas boas relações professor e aluno, na instituição, deixam a desejar sob o ponto de vista dos alunos.

Considerações Finais

Considerando o objetivo deste texto que buscou analisar a concepção de professores e de alunos sobre a dinâmica dos processos pedagógicos desenvolvidos no segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia e a importância das relações interpessoais nesses processos, evidenciamos, na concepção dos professores que fizeram parte da pesquisa, que eles procuram se esforçar para desempenhar uma prática pedagógica que vá ao encontro dos interesses dos alunos e das demandas sociais. Todavia, consideram que as exigências da contemporaneidade e as características dos alunos do ensino médio se configuram como fortes desafios a serem trabalhados e superados, em que, muitas vezes, ficam aquém das condições pessoais e profissionais do grupo de educadores responsáveis por tal situação.

Por sua vez, os alunos entrevistados relataram, de modo geral, que os processos pedagógicos, resultantes das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, deixam a desejar em aspectos como o diálogo, a participação e o envolvimento do aluno no planejamento e na execução das aulas e do contexto escolar. Pontuam, também, a necessidade de uma prática pedagógica que desafie mais o aluno na busca pelo conhecimento, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos, com mais profundidade no conteúdo trabalhado, pois, muitas vezes, precisam procurar por outros conteúdos para complementar o que foi trabalhado em sala de aula, denotando, dessa forma, que os objetivos traçados pelo professor nem sempre correspondem àquilo que é esperado pelo aluno, deixando, então, de dar sentido e significado ao processo educativo.

Nesse sentido, faz-se oportuno pensar que a proposta de um trabalho contextualizado e participativo requer do professor um ambiente adequado para o diálogo, assim como de um melhor preparo das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas. Em razão disso, consideramos relevante que, ao serem planejadas as ações pedagógicas no contexto escolar, em especial as que serão desenvolvidas em sala de aula, seja aberto espaço para que os alunos participem e se sintam, efetivamente, sujeitos desse processo. Participação, nesse caso, significa oportunidade de sugerir, de propor alterações, complementos ou, simplesmente, conhecer o que está sendo planejado como conteúdo de estudo, uma vez que os alunos, junto com o professor, representam os principais sujeitos do processo pedagógico.

Relevante, ainda, é que o professor faça de seu ambiente de trabalho um contínuo espaço de relações, onde as atividades propostas aos alunos possam promover intensa reflexão sobre o sentido e o significado do processo educativo desenvolvido na escola. Dialogar, refletir, planejar em

conjunto, trocar informações, conhecimentos e saberes podem tornar-se ações corriqueiras, espontâneas e naturais no espaço escolar, principalmente entre professor e aluno, pois existe muito valor em ouvir o que o outro tem a dizer, procurando colocar-se no lugar desse outro, para elaborar compreensões mais completas sobre as questões do cotidiano. Nessas condições, importante, também, é o envolvimento pessoal de cada profissional em atuação na escola, compreendendo o processo pedagógico desenvolvido como algo que não está pronto, verdadeiro e impessoal, e sim como algo que precisa ser (re)inventado, (re)construído e (re)significado em um processo permanente.

Sobre a importância das relações professor-aluno nos processos do ensino e da aprendizagem, observamos que professores e alunos manifestaram a compreensão de que as relações interpessoais que se estabelecem no espaço escolar, especialmente em sala de aula, são de fundamental importância para a aprendizagem. Contudo, ao se posicionarem sobre a qualidade das relações professor-aluno que ocorrem na sala de aula, os alunos que participaram do questionário demonstraram insatisfação. Apenas 29% dos alunos declararam boas essas relações. Os demais, 71% dos alunos, revelaram estar existindo alguma forma de contrariedade.

Nesse sentido, ao pensarmos as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, não há como não pensar nas relações interpessoais que lá se estabelecem. De certa forma, todo o processo educativo configura-se nas e pelas relações e interações entre as diversas pessoas e pelos diferentes segmentos que constituem o espaço escolar que, cotidianamente, estabelecem algum tipo de relação. Os relacionamentos se estabelecem por meio de ideias, diálogo, participação, respeito, flexibilidade, gerando a possibilidade de que sejam revistas certas concepções possibilitando mudanças, sempre que necessário. Assim sendo, mais do que transmitir informações, à escola cabe um importante papel de organização e de vivências de experiências de aprendizagens que considerem as relações interpessoais, especialmente as que se estabelecem em sala de aula entre professor e aluno, um fator colaborativo para o desenvolvimento do processo pedagógico.

Não há como negar que as relações professor-aluno em sala de aula são sempre envolvidas por sentimentos. Não há como ignorar, também, que essas relações representam um momento de encontro, de (con)vivência, de diálogo, de contextualização, de construção e reconstrução de saberes e de experiências e, nesse contexto, professor e aluno, interagindo, formam o cerne do processo educativo. Assim, as relações professor-aluno precisam aprofundar-se no campo da ação pedagógica, e o professor tem um papel muito importante nesse processo, pois constrói e produz o fazer pedagógico. Cabe ao professor, então, criar um ambiente adequado, capaz de servir de base às práticas pedagógicas, e isso inclui um diagnóstico dos alunos, para poder adequar tais práticas às

necessidades e expectativas dos alunos. Nessa perspectiva, as relações interpessoais, em sala de aula, fazem parte do processo pedagógico, mesmo sem o professor estar consciente disso, pois ele transmite, além de conteúdos, valores e condutas que sempre afetam o aluno.

De modo geral, os processos educativos no IFC – *Campus* Concórdia precisam ser refletidos para melhor serem compreendidos pelos profissionais que lá atuam. Ao longo da pesquisa e, de modo especial, nos momentos das análises dos dados, identificamos que a falta de espaços para avaliação coletiva, para pensar e construir em conjunto, para intercambiar experiências (positivas ou não), para dialogar, entre outras ações promotoras de socialização e interação entre os sujeitos dos processos do ensino e da aprendizagem, representam uma das principais lacunas que impedem o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais cooperativas, integradoras, significadas pela presença de emoções e sentimentos que possibilitem, assim, a (re)significação dos processos do ensino e da aprendizagem.

Diante disso, faz-se necessário que sejam criados esses espaços para que, por meio deles, o grupo de profissionais em atuação na instituição pesquisada possam melhor conhecer-se pessoal e profissionalmente, fortalecer-se como grupo em suas relações e planejar ações para serem desenvolvidas coletivamente, com o intuito de superar as lacunas apontadas nesta pesquisa, pois nos processos pedagógicos, a reflexão sobre a prática constitui-se um caminho a ser percorrido, fazendo com que o educador avalie seu trabalho e redimensione suas ações.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ARROYO, Miguel. **Ofício do Mestre: imagens e autoimagens**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CANDAU Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA JÚNIOR; Anderson Luiz. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à Prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 2004.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KUENZER, A. Z. **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007a.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009a. p. 12-52.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação na Infância**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em: 25.12.2015

Aceito em: 05.09.2016